

LINGUÍSTICA APLICADA INDISCIPLINAR²⁷

Marcel Alvaro de Amorim (UFRJ)
marceldeamorim@yahoo.com.br

RESUMO

A Linguística Aplicada (LA) é um campo relativamente novo de investigação: tendo seus impulsos iniciais nos anos 1940, a LA passou, ao longo de sua história, por reformulações, (re)escrituras e novos questionamentos com o objetivo inicial de se consolidar como uma área relevante de produção do conhecimento e ter suas pesquisas legitimadas perante a comunidade acadêmica. Do foco na pesquisa da Aplicação Linguística ao ensino de línguas (Cf. Allen & Corder, 1973, 1974 e 1975; Allen e Davies, 1977), aos questionamentos sobre esse prática (Cf. Chomsky, 1971; Widdowson, 1979); da adoção de políticas interdisciplinares (Cf. Moita Lopes, 1996) à luta para, finalmente, se firmar como área de investigação independente dos conhecimentos advindos da Linguística enquanto “ciência-mãe” (Cf. Cavalcanti, 1986; Moita Lopes, 1996), passaram-se cerca de sessenta anos. Atualmente, tendo a LA já solidificada enquanto área de produção de conhecimento, o que resta para o linguista aplicado é indagar sobre os novos rumos possíveis para a área de investigação na qual está inserido, tema que é o ponto de partida desse minicurso que tem por objetivo apresentar e analisar duas posturas diferentes adotadas por pesquisadores do campo da LA: a perspectiva modernista de pesquisa em LA e a visão da LA como uma área mestiça, *INDisciplinar* e “na fronteira”.

Palavras-chave: Linguística Aplicada; Paradigmas; Transdisciplinaridade.

INTRODUÇÃO

Viver nas fronteiras significa
usar *Chile* no borscht
comer *tortillas* de trigo integral,
falar tex-mex com sotaque do Brooklin
ser parado pela polícia da imigração nos postos da fronteira²⁸

(Anzaldúa, 1987, p. 194-195).

Aprendemos na cultura a olhar com desconfiança para as misturas,
os cruzamentos, as metamorfoses e a diversidade; em razão disso, a plu-

²⁷ Agradeço ao Professor Luiz Paulo da Moita Lopes pela inspiração teórica, comentários e revisão do texto.

²⁸ Tradução atribuída a Professora Doutora Leila Assumpção Harris.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ralidade de referências costuma nos desconcertar. (Fabrício, 2008, p. 62).

Em sociedades que se constituem cada vez mais de forma mestiça, nômade e híbrida, não seriam epistemologias de fronteiras essenciais para compreender tal mundo? (Moita Lopes, 2007, p. 11)

De acordo com Marcondes (2005, p. 139), o próprio conceito de *modernidade* já nos provoca questionamentos, o *moderno* remete ao “novo”, ao rompimento de tradições, implicando sentidos positivos – e, portanto, positivistas – de mudança, progresso e transformação. Essa visão é uma das bases para o nascimento da ciência moderna que, segundo Rojo (*apud* Damianovic, 2005, p. 185), é fundada em crenças positivistas e estruturalistas que acarretavam uma fé numa visão de linguagem apolítica e a-histórica; na tentativa de separação entre o sujeito e o objeto buscando, assim, uma noção de objetividade científica; numa visão da linguagem como sendo posterior ao pensamento e à experiência; na crença no projeto científico de produção de conhecimento, seus métodos e modelos; e, sobretudo, na fé nos princípios de *racionalidade* e *verdade* como de aplicabilidade universal.

A LA que fundamentava-se nessas pressuposições era, então, uma LA autônoma, que buscava separar o sujeito do mundo em que está inserido, procurando garantir objetividade científica, acabando por situar tal sujeito no vácuo social (Moita Lopes, 2008a, p. 24). O sujeito-pesquisador, seguindo a perspectiva modernista de pesquisa em LA, é entendido como separado de seu objeto de estudo para que não o contamine, visão positivista do processo de construção do conhecimento (Moita Lopes, 2008b, p. 100). Nessa visão, o conhecimento não possui vínculos com o modo como as pessoas vivem, sofrem, se posicionam politicamente (Moita Lopes, 2008b, p. 87).

A noção de sujeito da modernidade, segundo Moita Lopes (2008b, p. 100) era a de um indivíduo essencializado, sendo branco, homem, heterossexual de classe média. Um sujeito concebido como único e homogêneo – homogeneização que só é possível com o apagamento da sócio-história e do corpo de tal sujeito (Moita Lopes, 2008b, p. 102) – em áreas diversas do conhecimento como as Ciências Exatas, as Ciências da saúde, bem como no próprio campo das chamadas Humanidades.

A modernidade trazia à tona, ainda, a visão da razão como

imparcialidade. Só seria possível alcançar tal imparcialidade estando o pesquisador – ou o linguista aplicado – despidido de emoções, desejos ou interesses, estando este “fora do mundo” (Rampton, 2008, p. 111). Assim, por meio da racionalidade, o pesquisador da modernidade poderia usar políticas sociais, tecnologias e novos avanços na ciência para melhorar a vida da população, visão absolutamente positivista do progresso científico. A LA modernista não escapa dessa visão, caracterizando-se no Brasil, em meados das décadas de 1980 e 1990, e após a compreensão de que a linguagem é constitutiva da vida institucional (Moita Lopes, 2007, p. 07), como área de conhecimento que visava a resolução de problemas da prática de uso da linguagem enfrentados pelos participantes do discurso em um contexto social definido (Cf. Cavalcanti, 1986; Moita Lopes, 1996). Observamos aqui uma tendência positivista da LA ao assumir-se como uma área preocupada com a *resolução* de problemas, definindo-se, assim, como uma área *solucionista* das chamadas Ciências Sociais – assim entendida por seu foco nos problemas da linguagem em uso no meio social.

Hoje, acredita-se que o projeto da modernidade e, acrescento, o de uma LA que se baseia nos paradigmas modernistas para se firmar enquanto área de investigação científica, se revela, segundo Bhabha (1998, p. 329), por si só contraditório e irresolvido. As identidades estabilizadas estão em declínio, provocando o surgimento de novas identidades, fragmentando o indivíduo moderno, que até então era visto como unificado e homogêneo (Hall, 2005, p. 07). A chamada objetividade científica é, no atual rumo das pesquisas, considerado utópico, já que não há como distanciar o pesquisador – sempre posicionado no mundo em que atua e com sua posição construindo conjuntamente o conhecimento que produz (Moita Lopes, 2004, p. 165) – do objeto que pesquisa. Pautados nessas e em outras impossibilidades da pesquisa modernista, pesquisadores da área de LA no Brasil e no mundo tem almejado novas formas de se fazer pesquisa em Linguística Aplicada, trazendo o sujeito para dentro do campo de pesquisa, e mudando seu foco de área positivista concentrada na solução de problemas do uso da linguagem para uma área híbrida – inter/transdisciplinar – que almeja *criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem papel determinante* (Moita Lopes, 2008a, p. 14), propagando uma perspectiva mestiça ou *IND*disci-

plinar da LA na atualidade.

É interessante reforçar a idéia de Moita Lopes (2008a, p. 14) de que o interesse desses que fazem a LA *IN*disciplinar não é renegar a LA como praticada anteriormente, mas sim propor *mudanças possíveis*, novas direções a se considerar. Não é do interesse desses pesquisadores fundar uma “nova escola” de LA (Moita Lopes, 2008a, p. 15), e muito menos propor uma direção obrigatória a ser seguida. Resta-nos agora questionar: mas afinal, o que é a LA *IN*disciplinar?

É, primeiramente, um novo rumo em LA que pretende problematizar os ideais modernistas, questionando seus pressupostos e propondo novas epistemologias, novas formas de produzir o conhecimento. Ao perceber a forma simplista como a LA modernista – ou solucionista – tratava dos problemas relativos ao uso da linguagem que, seguindo os ideais de neutralidade e objetividade, apagava a complexidade das situações estudadas e as imbricações do sujeito nessas situações, a LA *IN*disciplinar propõe-se a pensar novas formas de construir conhecimento.

A noção da LA como um campo inter/transdisciplinar é central para o desenvolvimento desse modo de pensar a LA. Preocupados em teorizar onde as pessoas vivem e agem, as implicações das mudanças socioculturais, políticas e históricas que tais pessoas experienciam (Moita Lopes, 2008a, p. 21), assim como em perceber o sujeito como heterogêneo e em constante transformação – o contrário do que almejava a pesquisa modernista – os pesquisadores da LA *IN*disciplinar lançam mão de leituras em outras áreas do saber que, muitas vezes, apresentam melhores teorizações sobre o sujeito e sua construção identitária pelo discurso do que pesquisas em Linguística ou pesquisas em LA de cunho modernista que são contrárias ao reconhecimento da alteridade, das diferenças etc.

A LA *IN*disciplinar, segundo Fabrício (2008a: 50-51), deve ser encarada como prática problematizadora que assume suas escolhas ideológicas, políticas e éticas, distanciando-se do ideal de objetivismo científico e neutralidade na produção do conhecimento das práticas modernas. Ao negar tais ideais, a LA *IN*disciplinar focaliza o sujeito, não como entidade racionalizada, mas como heterogêneo, dando voz, então, as margens do sistema globalizado, os olhares considerados subalternos (Fabrício, 2008, p. 51), voltando sua aten-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ção para diferentes construções identitárias de classe social, etnia, raça, gênero, sexualidade, nacionalidade etc. (Moita Lopes, 2008a, p. 27). O que a LA *IN*disciplinar pretende questionar é o sujeito neutro, sem gênero, raça ou sexualidade proveniente dos ideais modernistas. É necessário perceber que toda e qualquer investigação científica começa com o investigador, presente e localizado, agindo ativamente na prática da pesquisa, estando conectado com o objeto – ou com os indivíduos pesquisados, esses também *performando* identidades – das mais diferentes formas (Smith apud. Pennycook, 2008, p. 80). Moita Lopes (2008b, p. 100) chama atenção para a necessidade de compreender que os pesquisadores estão diretamente relacionados no conhecimento que produzem e que os mesmos devem negar a “distância crítica” moderna e almejar uma “proximidade crítica”.

Os ideais de racionalidade e a compreensão de que os significados não são anteriores ao pensamento e ao discurso também são desconstruídos pela LA *IN*disciplinar. A linguagem deve ser focalizada como um produto humano e uma ferramenta social, sendo inseparável do ser humano enquanto sujeito subjetivo, emotivo e que habita um meio social.

O pesquisador da LA *IN*disciplinar deve compreender que não é possível despolitizar e tornar autônomo o conhecimento, assim como deve reconhecer a impossibilidade de apagar as diferenças que constituem o sujeito, conforme almejado nas práticas modernistas. Os linguistas aplicados que atuam dessa maneira devem perceber a necessidade de olhar as relações de poder construídas na formação do sujeito no discurso e por meio dele (Cf. Moita Lopes, 2008; Bhabha, 1998). A LA *IN*disciplinar preocupa-se em re teorizar esse sujeito social enquanto heterogêneo, fluido e mutável e, para isso, lança mão de teorizações pós-modernas, pós-coloniais, anti-racistas, *queer*, entre outras para dar conta da liquidez da identidade do sujeito agora em foco (Cf. Moita Lopes, 2008).

Retomando a primeira epígrafe deste trabalho, da escritora Glória Anzaldúa – *Chicana*, lésbica e feminista – devemos pensar a LA *IN*disciplinar como uma área na fronteira e atenta a esse sujeito que, como a poetiza, vive nas margens da identidade homogênea modernista, em constante *performance* de identidades recorrentemente reconhecidas como subalternas ou marginalizadas. O Linguís-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tica Aplicado que pretende trabalhar com a perspectiva *INDisciplinar* deve olhar para as misturas, para as bordas, procurando nesses sujeitos novas formas de compreender o mundo, dando voz aos que não a tem, criando inteligibilidades sobre realidades que não a *cêntrica*.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands / La Frontera*. San Francisco: Aunt Lute Press, 1987.

ALLEN, J. P. B. & CORDER, S. P. (eds.). *The Edinburg course in applied linguistics*. Vol. 1. Readings for applied linguistics. Oxford: OUP, 1973.

———. *The Edinburg course in applied linguistics*. Vol. 2. Papers in applied linguistics. Oxford: OUP, 1975.

———. *The Edinburg course in applied linguistics*. Vol. 3. Techniques in applied linguistics. Oxford: OUP, 1974.

ALLEN, J. P. B. & DAVIES, A. (eds.). *The Edinburg course in applied linguistics*. Vol. 4. Testing and experimental methods. Oxford: OUP, 1977.

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CAVALCANTI, M. *A propósito de linguística aplicada*. Trabalhos em linguística aplicada, vol. 7, nº 2, p. 5-12, 1986.

FABRÍCIO, B. F. F. Linguística aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2008.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MARCONDES, D. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MIANOVIC, M. C. O linguista aplicado: de um aplicador de saberes a um ativista político. *Linguagem & ensino*, Pelotas, vol. 8, nº 2, p. 181-196, jul./dez, 2005.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MOITA LOPES, L. P. (org.) *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2008.

———. Contemporaneidade e construção do conhecimento na área de estudos linguísticos. *SCRIPTA* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras do Cespuc. Belo Horizonte: PUC-Minas, vol. 7, nº 14, p. 159-171, 2004.

———. Da aplicação linguística à linguística aplicada indisciplinar. Palestra proferida na UFPB e UFG. No prelo, 2007.

———. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que tem orientado a pesquisa. **In:** MOITA LOPES, L. P. (org.) *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2008b.

———. *Oficina de linguística aplicada*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

———. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como um linguista aplicado. **In:** MOITA LOPES, L. P. (org.) *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2008a.

RAMPTON, B. Continuidade e mudança nas visões de sociedade em linguística aplicada. **In:** MOITA LOPES, L. P. (org.) *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2008.